TROVAS

lua cheia

césar coelho

CÉSAR COELHO

Com os cumprimentos
de
César Coelho

LUA CHEIA

Fortaleza, 11-02-95

Trovas

1993

Aos que partiram em busca das estrelas
e estão presentes no encanto da saudade...

Para Heloísa, minha mulher,
Paulo, meu filho, Florêncio Coelho, meu tio, para meus primos,
para todos da minha família.

Agradecimentos sinceros ao Senador Cid Sabóia de Carvalho, meu grande amigo e também trovador, que tornou realidade o velho sonho do meu livro de trovas.

Aos meus amigos e irmãos no amor à Trova, Ciro Colares, Batista Soares, Fernando Câncio Araújo, Geraldo Fontenelle, Sinésio Cabral, Moacir Gadelha, Giselda Medeiros, Leda Costa Lima, Carneiro Portela, Cristóvão do Amaral, Artur Eduardo Benevides, Vicente Alencar, Carlos Alberto, Júlio Sales, Francisco Carvalho, Eduardo Campos, Mozart Soriano Aderaldo, Sânzio de Azevedo, Moreira Campos, Luis Sucupira, Reinaldo Aguiar, Raimundo Araújo, Manoel D'Almeida Filho, Rubens de Azevedo, Antenor Gomes de Barros Leal, Afonso Nunes de Sena, Lauro Ruiz de Andrade, José Alcides Pinto, José Domingos de Alcântara, Nirez, Audifax Rios, Manoel César, Barros Pinho, Blanchard Girão, Dimas Macedo, Pedro Wilson Rocha, Pedro de Araújo Bezerra, Alberto S. Galeno, Sabino Henrique, Ivan Paula, Vanius Meton Gadelha Vieira, João Adolfo de Carvalho Nogueira, João Hipólito Campos de Oliveira, Costa Matos, Edigar de Alencar, Christiano Câmara, Abdias Lima, Ribeiro Ramos, Gaspar Brígido, Paula Freire, Diogo Fontenelle e Filgueira Sampaio.

José CÉSAR COELHO de Sena nasceu em Fortaleza a 7 de outubro de 1939, filho do jornalista Cursino de Sena e de Amália Coelho de Sena. Jornalista e radialista profissional, atuou durante muitos anos na Rádio Iracema e na Rádio Uirapuru de Fortaleza, nos jornais **O Nordeste, Gazeta de Notícias, Tribuna do Ceará, Correio do Ceará** e **O Estado.** Publicou, em 1968, o livro de crônicas "Strip Tease da Cidade", primeiro lançamento da Editora Terra de Sol, do grande poeta e escritor Jáder de Carvalho. É sócio fundador da União Brasileira de Trovadores, seção de Fortaleza.

A TROVA DE CÉSAR COELHO

Carvalho Nogueira

Não podia conceber este prefácio noutro clima emocional que não fosse uma noite de lua cheia. Esperei e ela chegou, que beleza. Apascentando as estrelas, a "moeda dourada" de César Coelho lá estava inteirinha no céu, desafiando os ônibus espaciais e os cientistas da Nasa. Agora, sim, eu podia escrever sobre este belíssimo livro de um dos maiores trovadores do Brasil. Olhando o bordado celeste com toda a sua riqueza natural de luz e lirismo, seria mais lógico falar sobre este livro de trovas.

Em *Lua Cheia* estão todos os belos motes da vida. Neles vamos viajar entre o amor, os passarinhos, o mar, a saudade, a solidão, a noite, a madrugada, a seca do Ceará, a chuva, o perdão, o nosso riacho Pajeú, os sonhos, as recordações, o misticismo, o folclore, a desilusão, as ruas da Fortaleza do passado, a beleza do Natal e mais um sem-número de temas que somente farão bem à alma do leitor atribulado com os problemas do dia-a-dia. Tudo isto contado na caixinha de música da trova, delicada, sutil e doce como os frutos que amadurecem no pé. Ou não tem sabor a trova que você vai ler agora?

Há goteiras nos telhados,
Temporal, vento, trovão.
Tenho nos olhos molhados,
Goteiras do coração.

Estamos diante de uma antologia, a Antologia de Trovas de César Coelho, como até poderia ser batizado oficialmente o livro. É o meu julgamento. E não tenho medo de fazê-lo, não apenas porque sou um profundo conhecedor de sua obra poética, mas, também, porque já li outros grandes trovadores cearenses e brasileiros. César Coelho convive diariamente com a trova e isto irriga a sua maior vocação literária. Em casa, na rua, onde quer que a inspiração lhe visite, passa para o papel

os versos. Ele transpira trovas por todos os poros, seria o caso de afirmar-se. E eu o faço porque sei.

A trova quanto mais espontânea mais saborosa. E todas as trovas de *Lua Cheia* nasceram assim, como se fossem flores do campo ou aves coloridas e musicais, com a cor e a melodia que somente se acha no universo puro e harmonioso da natureza. Vejam alguns desses matizes. Ouçam um pouquinho dessa sinfonia:

Manhã de sol e alegria
E esta papoula tão bela,
Para me dar um bom dia,
Está na minha janela.

Na sua espontaneidade, o autor, de alma profundamente romântica e lírica, de olhos nadando em sonhos e alma amorosa e plena de saudade, não esqueceu no seu livro de passar uma receita para os trovadores. E por que não anotar a regra do mestre?

A receita de verdade,
Para ser bom trovador,
É sentir muita saudade,
É sofrer mágoas de amor.

Depois da receita, registra ainda, a definição de trovador. É a concepção infalível do próprio trovador:

Há pastores nesta vida
De todas as qualidades,
Os trovadores, querida,
São pastores de saudades...

Quero dizer, o livro tem, entre outras coisas, além da sua indiscutível mensagem de poesia e amor, o seu lado didático. Não nos referimos à lição que ensina a fazer trova, porque os poetas nascem poetas. Aludimos a uma espécie de aula subjetiva, onde as criaturas poderão aprender a amar, a entender que se pode ter felicidade na contemplação de uma flor, de uma criança, de uma lapinha, de uma graúna, do mar, bem como diante do

assalto de uma solidão, de uma dor, de uma mágoa de amor. É a vida. E a existência é bela de ambos os lados, no desencanto e no contentamento. Pois bem, essa lição navega no oceano de sentimentos de *Lua Cheia.*

É muito vasto o sentido do livro de César Coelho. Não seria num simples prefácio que perlustraríamos todo esse maravilhoso caminho que deve levar à Ilha da Fantasia. Mesmo assim, não podemos esquecer, por exemplo, que ele não deixou à margem o tema ecológico, este sentimento que até chegou tarde demais para preservar a vida no Planeta Terra. Com a ternura dos poetas, ele dá a sua contribuição que aparece em algumas trovas como essa:

Quero a paz do teu carinho,
Mil cantigas de viola,
Quero ouvir um passarinho
Que não seja na gaiola,

O autor demonstra igualmente a solidariedade humana, a fidelidade e o apego aos amigos, o amor aos seus irmãos de talento e sonhos. Vamos encontrar isto nas belas trovas de louvação, como a que se segue:

Fui ao céu num belo sonho,
Sonhei quase a noite inteira,
Ouvi Jáder de Carvalho,
Menotti e Manuel Bandeira.

Outra marca registrada do meu trovador é o espiritualismo, a sua crença em Deus. César sempre levou a sério este detalhe da vida. Seus olhos brilham quando se fala em reencarnação, na vida depois da terra, no destino da alma da gente após a chamada Grande Viagem. Na trova seguinte ele deixa transparecer essa faceta:

Aquele pobre implorando
Sua esmola, seu carinho,
Pode ser Jesus passando,
Disfarçado em seu caminho.

Não há dúvida, assim, de que o trovador coloca o seu talento acima de tudo, a serviço do amor, das boas causas, da misteriosa e sempre angustiada alma humana. Não tenho dúvidas de que, sorvendo os versos deste livro, o leitor até poderá encontrar a si próprio, porque vivemos, quase sempre, as mesmas torturas, as mesmas felicidades, idênticas desilusões. E a quase obsessão pela lua? É tão grande que o título do livro não poderia ser outro. Não tinha pra onde correr. Não fica difícil para o prefaciador explicar a paixão. Afinal de contas, sou um especialista em César Coelho, desde os saudosos tempos da Rádio Uirapuru, nos anos 60, até a paciência que sempre tive para escutar os seus queixumes, as suas mágoas, as decepções de uma alma muito pura e excessivamente delicada para a violência e a maldade do mundo de hoje. Mas, ele também aturou demais as chatices desse despretensioso escriba. Mas, por que a lua, então?

Ah, "porque a lua é dos namorados", como diz a poesia carnavalesca de antigamente. Porque a "merencória" jamais deixará de ser um poço profundo de inspiração poética. Porque César Coelho crê em horóscopo, aceita os conselhos dos astros, sempre se sentiu atraído pela imorredoura lenda de São Jorge. Porque, filho único, saudoso do pai que morreu antes dele nascer, foi um menino só. E, como Deus lhe compensou com a veia poética, não quis brinquedos. Pegou uma carona na solidão e viajou à lua. Viagem emocionante que ainda hoje prossegue, até que Deus resolva outra coisa.

Expliquei? O resto fica com o próprio poeta:

A lua na madrugada
É o preço dos sonhos meus.
Lua, moeda dourada,
Lua, moeda de Deus!

Na torre da capelinha
Era tão lindo o luar,
Que eu creio que a lua vinha
Na capelinha rezar.

O que dizer mais? Muita coisa ainda, não só porque conheço profundamente o homem César Coelho, mas, notadamente, por-

que a sua trova me fascina. É uma emoção muito forte guardar os originais de *Lua Cheia*. Será uma relíquia de travesseiro, até mais importante do que o livro em forma gráfica. Uma questão sentimental.

Por fim, não concluiria feliz este prefácio, se não dissesse que *Lua Cheia* é um livro de trovas para o Brasil, tão Grande é o seu autor, tão precioso o seu conteúdo poético.

Outra coisa: toda vez que fizer lua cheia, abra este livro, leia essas trovas e durma feliz, inocente, acreditando na lenda de São Jorge.

Vem do mar doce lamento
No cantar de uma sereia,
E estas cantigas do vento,
São trovas da lua cheia...

Somente a lua eu queria
À noite como Candeia,
Pois é de sonho e poesia
Que a lua está sempre cheia.

A lua serena e pura,
Quem a pesquisar se afoite,
Verá que é um lírio plantado
No jarro negro da noite.

Na torre da capelinha
Era tão lindo o luar,
Que eu creio que a lua vinha
Na capelinha rezar.

Estão sempre em desencontro
Na minha Taça de Dor,
As previsões da cigana
E os meus martírios de amor.

Na vida eu sou peregrino,
Do amor e dos sonhos meus,
Pois a luz do meu destino
Se esconde nos olhos teus....

Quisera que os passarinhos
Cantassem todos assim,
Buscando em paz os seus ninhos,
Em liberdade sem fim.

Vinha o dia amanhecendo
E a alma pura de uma flor,
Estava triste, sofrendo,
Chorava orvalhos de dor.

Navegando em rumo incerto
Nos mares da solidão,
Eu encontrei rumo certo
No cais do teu coração.

Bem-te-vi canta e reclama
Como quem sente uma dor.
Passarinho também ama,
Também sofre por amor.

É bem rico o violeiro
E esta certeza o consola,
Valem mais do que dinheiro
Seu verso, sua viola.

Há versos de mil louvores,
Rimas de raro esplendor,
Quando os anjos trovadores
Cantam pra Nosso Senhor.

Santo Antônio é sonhador,
Santo bom casamenteiro,
Protege os sonhos de amor,
Se duvidar é troveiro...

À tardinha aumenta sempre
A mágoa do trovador,
E escuto o pranto das ondas,
Do mar, as queixas de amor...

A receita de verdade,
Para ser bom trovador,
É sentir muita saudade,
É sofrer mágoas de amor.

A trova, tão pequenina,
Contém todo o meu amor,
Minha mágoa, minha sina,
Meus sonhos e a minha dor!

Do nosso amor, francamente,
Nada falaste a ninguém,
Mas teus olhos, de repente,
Disseram tudo, meu bem!

O Pau D'arco amargurado,
Quando sofre o meu sertão,
É um retirante encantado,
Tem alma e tem coração.

Ao recordar o passado,
De amizade, em grande prova,
Lembro Carlyle Martins
Na mensagem de uma trova.

Peço a Deus inspiração
E uma trova bem rimada,
Pra viver minha paixão
Na mais bela madrugada...

Eu sei que não há pecado
Nas coisas puras do amor,
No teu beijo perfumado,
No teu corpo encantador.

Querida, eu juro por tudo
Que na luz do teu olhar,
A natureza escondeu
Os mistérios do luar...

A seca tostou a terra
Neste romance de dor
E há correntezas de mágoa
Nos olhos do trovador.

Saudade do amor passado
Vem quando menos se espera,
Está bem certo o ditado:
"Onde foi casa é tapera".

Foi-se embora o seresteiro,
Adormeceu toda a rua
E Deus fez um travesseiro
De nuvens branca pra lua.

O tempo passa correndo
E a gente quase não vê,
Que bom se o tempo parasse
Sempre que estou com você...

Nesse mapa do destino
Que são as linhas da mão,
Tenho rios de saudade
E mares de solidão.

Quero o silêncio da noite,
Uma trova e um violão,
A noite sempre consola
Quem vive na solidão...

A minha mágoa escondida,
Aparece no meu rosto,
Quando a viola sentida
Soluça em tom de desgosto.

O galo da madrugada
Desperta cantando além,
Tem a garganta afinada,
É seresteiro também.

Quem nos caminhos da vida
Acende a luz do perdão,
É bem feliz nesta lida,
Tem Jesus no coração.

Vinho branco do luar
Na taça do coração,
Me deixa tonto a sonhar
Nos delírios da paixão.

O Pajeú na corrente
Às vezes leva saudade,
O riacho é confidente
Dos poetas da cidade.

Nos momentos de tristeza,
Nas mágoas do cantador,
A viola solidária,
Ponteia em tempo de dor.

Solidão, tempo de prece,
Toca o sino, Ave Maria!
Vejo o sol por trás da serra,
Arquivando mais um dia...

Se o carnaval é tristeza
Mascarada de alegria,
Minha vida com certeza
É carnaval todo dia.

Manhã de sol e alegria
E esta papoula tão bela,
Para me dar um bom dia,
Está na minha janela.

Olhei pra duas estrelas
E sozinho na janela
Senti a doce impressão
De estar vendo os olhos dela.

Mestre Juvenal Galeno
Em seus versos bem comprova,
Nunca lhe faltou na vida
A luz que vinha da trova.

Aprendi a fazer trovas
Contemplando a luz da lua
E as trovas viraram rosas
Enfeitando a minha rua...

Fiz uma trova pra ela
Na solidão de uma rua,
Na inspiração de uma estrela,
Em bela noite de lua...

A lua na madrugada
É o preço dos sonhos meus.
Lua, moeda dourada,
Lua, moeda de Deus!

Roubei-te um beijo somente,
Como choraste depois!
Tu querias, francamente,
Que em vez de um só, fossem dois...

Na amargura de uma prova,
Sinto que a luz aparece,
Na inspiração de uma trova.
No momento de uma prece.

Quando o palhaço chorava
Vendendo falsa alegria,
A platéia não notava
E delirante aplaudia.

Galo Campina cantando
Na copa desta mangueira
Parece dizer chorando:
— Procuro alguém que me queira!

O trovador tem na vida,
Tristezas, mágoas e dores,
Tem na trova dolorida,
Marcas de eternos amores.

Eu já sei que o meu destino
É viver sempre a sonhar,
É o destino da cigarra
Que nasceu para cantar.

Ó meiga lua encantada
Das nuvens ao forte açoite,
És rosa branca pousada
Nas tranças negras da noite.

Coração, não batas tanto,
Tanto assim, dentro do peito,
Coração, teu desencanto,
Francamente, não tem jeito.

A lua me traz magia
E o alívio das minhas dores,
Lua, fonte de poesia,
Encanto dos trovadores.

As lágrimas no teu rosto,
Tão sentidas, meu amor,
São como gotas de orvalho,
Purificando uma flor.

Tem por certo juramento,
Zé Rufino, o solteirão,
Pois não topa casamento,
Nem na Festa de São João.

Certas verdades da vida
Complicam mais minha dor,
Prefiro as tuas mentiras,
Doces mentiras de amor...

Inda guardo com saudade,
Guardo com muito carinho,
Teu bilhetinho que diz:
— Cada qual no seu caminho...

Aquela réstia de lua
Que passou pela janela,
Veio ansiosa da rua
Beijar o retrato dela.

Quando partir deste mundo
Peço a Deus pra minha cova,
O silêncio mais profumdo
E a pureza de uma trova.

As sereias encantadas
Com quem converso a sonhar,
Transmitem nas madrugadas,
Lindos recados do mar.

Eu rezo à luz das estrelas
Nos meus momentos de dor,
Deus recebe com ternura
As preces do trovador.

Quero a paz do teu carinho,
Mil cantigas de viola,
Quero ouvir um passarinho
Que não seja na gaiola.

Todo coberto de flores
Eu vejo, sempre feliz,
Um trovador nos andores,
O Irmão Francisco de Assis.

Enquanto vivo sofrendo
Nessa tristeza sem fim,
Teu retrato está dizendo
Que não lembras mais de mim.

Daquele amor do passado,
Tu não escutas o grito,
Mas, o destino é traçado
E eu te espero no Infinito.

No silêncio das estradas
Da lua na claridade,
O menestrel vê de perto
O fantasma da saudade.

Fui ao céu num belo sonho,
Sonhei quase a noite inteira,
Ouvi Jáder de Carvalho,
Menotti e Manuel Bandeira.

Escondi toda a saudade
E do amor a dura prova,
Na magia incomparável
Dos quatro versos da trova...

Cartas de amor entregando,
Um carteiro sonhador,
Há muito sofre esperando
Por uma carta de amor.

A trova é sempre sublime,
Purifica o coração,
Trova de Luiz Otávio
E Catulo da Paixão.

Do amor o beijo é semente,
Para matar meus desejos.
É por isso, tão-somente,
Que em teus lábios planto beijos...

Já tracei rumos na vida
Fugindo do teu carinho,
Mas, na verdade, querida,
O meu rumo é o teu caminho...

Quer saber o que é saudade?
Escute bem, meu irmão:
Saudade é o som da viola
Que eu trago em meu coração.

As graúnas são pretinhas,
De um negro bem verdadeiro,
Porque são pingos da noite
Que ficaram no coqueiro.

Eu flertei com certa estrela
Numa noite de luar,
É feliz o trovador,
Pois vive sempre a sonhar...

Padre Cícero Romão,
O Santo do Juazeiro,
Plantou a fé no sertão,
No coração do romeiro.

No mapa da minha vida,
A buscar felicidade,
Minha alma desiludida,
Segue os rumos da saudade.

Vejo amor por toda a terra,
No rio, no sol, na flor,
A nuvem beijando a serra,
Também faz cena de amor.

O rio na correnteza,
Soluçando, eu sempre vejo,
Vai levando com tristeza,
O pranto do sertanejo.

Vela branca da jangada,
Por este mar de meu Deus,
Enfeitando a madrugada,
É um lenço em forma de adeus.

Eu não maldigo esta dor
De viver triste e sozinho,
Muito obrigado, Senhor,
Pelas pedras do caminho.

É bem feliz na verdade
O Seresteiro da rua
Que fugindo à realidade
Vive no mundo da lua.

Quando rezamos juntinhos
Um terço a Nosso Senhor,
As contas são de carinhos
E os mistérios são de amor.

Em desencanto profundo
Vivo a cumprir sem cansaço,
No picadeiro do mundo
Meu destino de palhaço.

Da noite na solidão,
De repente, em plena rua,
Abre-se um belo clarão
E surge o rosto da lua.

Na jangada de verdade,
Eu vejo sempre a cismar,
Uma trova de saudade
Que Deus escreve no mar

Não existe na verdade,
Diz a voz do coração,
Um grande amor sem saudade,
Sem mágoa e sem solidão.

Neste mundo de amargura,
Para resistir às provas,
Transformo espinho em ternura,
Enchendo a vida de trovas.

O carnaval traz ao povo
Em delirante magia,
A fuga das amarguras
Em três dias de alegria...

Maraponga dos meus sonhos,
Da vida inocente e boa,
Dos ciganos, das mangueiras,
Dos fantasmas da lagoa.

Fortaleza do passado,
Praia do Peixe, cangulo...
Um menino iluminado
Que foi mais tarde Catulo.

Deus fez a flor perfumada
E o sonho que nos renova,
Fez no céu da madrugada
De cada estrela uma trova.

Depois de tudo passado
Até parece castigo,
O teu retrato na sala
Está falando comigo:..

A lua no firmamento,
Ó meu bem, que coisa louca,
Mudou de cor no momento
Do teu beijo em minha boca.

Coisa bela é madrugada
Com luar pelo terreiro,
Viola em beira de estrada,
Cantiga de violeiro.

Um jardineiro poeta
Já revelou para mim,
O orgulho que tem das flores,
As trovas do seu jardim.

Vejo na tarde tristonha,
Pelo vento, solto ao léu,
O lenço branco das nuvens
Limpando o rosto do céu.

Teu nome que me enternece,
No meu diário, querida,
Traduz carinho e beleza,
Meu rumo certo na vida.

Num terreiro enluarado
Do meu querido sertão,
A lua é disco encantado
De Catulo da Paixão.

Não fiz rezas, não fiz sonhos,
Nem quis adivinhação,
Vi nos teus olhos risonhos,
Minha sorte de São João.

Gosto da lua na estrada,
Nas veredas, nos caminhos,
Dos galos da madrugada,
Do cantar dos passarinhos.

Luiz Otávio é louvado
No Dia do Trovador,
Na trova foi consagrado,
O Príncipe Sonhador.

Na correnteza do amor
Fui levado em desatino
E no mar de uma saudade
Foi navegar meu destino...

Perdoar é tão divino
Que eu sinto em meu coração,
Que no mais nobre destino,
O amor nasceu do perdão.

Para Lilinha Fernandes,
Rainha dos Trovadores,
No céu, à luz das estrelas,
Os anjos cantam louvores.

O trovador é mais puro,
Tem mais iluminação,
Quando o vinho da saudade
Desperta o seu coração.

A borboleta foi rosa,
Viveu juntinho da flor,
Criou asas e vaidosa,
Partiu em busca do amor.

Vivo sonhando contigo,
Princesa do meu amor,
Não te ver é o meu castigo,
Martírio do trovador...

Além de mil madrugadas
E do Luar do Sertão,
Catulo tinha alvoradas
Nascendo em seu coração.

A trova tem outro gosto,
Encanto e simplicidade,
Ao luar do mês de agosto,
Num momento de saudade.

Luiz Otávio é saudade
Para nós, amigos seus,
Mas faz trovas, na verdade,
Hoje mais perto de Deus.

Escondo a minha tristeza,
Não falo do meu desgosto,
Mas, minha dor, com certeza,
Tem seu retrato em meu rosto.

Passo por ela na rua,
Tento falar, não consigo,
O coração não dispensa
Esta maldade comigo...

Com os olhos soltos ao longe,
Não me canso em contemplar
A jangada triste e leve,
Leve e triste sobre o mar!

Meu Bom Jesus dos Aflitos,
Pelo martírio da Cruz,
Nas sombras do meu caminho,
Dai-me uma réstia de Luz!

Dona Maria Trindade,
Que é mulher de alto coturno,
Exibe em sua vaidade,
Mais anéis do que Saturno...

Do São João a vida inteira,
Trago no peito guardados,
Cinza de muita fogueira,
Muitos balões apagados.

Aderaldo, o cantador,
Se não teve a luz do dia,
Teve com todo o esplendor,
A eterna luz da poesia.

Quero a lua clareando
Terreiros do meu sertão,
Um preto velho contando
Histórias de Lampião.

A noite tem seus encantos,
E a lua vagando ao léu,
É o retrato da saudade,
Entronizado no céu.

Ao mar eu levo orações,
Levo também minhas mágoas,
Deixo as minhas confissões
E o meu pranto em suas águas.

A graúna em soledade,
Canta triste, escute bem,
Parece que tem saudade,
Muita saudade de alguém.

Sertanejo sofredor
Faz a prece que consola,
Nas rimas do cantador,
No milagre da viola.

Neste Natal de bonança,
De festas e tanta luz,
No milagre da Esperança
Vejo o Menino Jesus.

O vento em seus desencantos,
Às vezes na minha rua,
Passa deixando seus cantos,
Trovas em noites de lua.

O mundo do trovador
Bem parece um paraíso,
Pois ele transforma a dor
Numa trova, num sorriso.

Toda de preto vestida,
Na morte do trovador,
A graúna, alma ferida,
Cantava em tempo de dor.

Aquele pobre implorando,
Sua esmola, seu carinho,
Pode ser Jesus passando,
Disfarçado em seu caminho.

Eu sei que você ~~davidosa.~~ duvida,
Bem sei que você não vê,
Mas, quando rezo, querida,
Rezo em trovas por você.

Na Casa Grande famosa
Das sombras da escuridão,
Aparece o Chico Rosa
Que virou assombração.

Ontem contemplei a lua
E a lua não sei por que,
Bem no cantinho da rua
Perguntou-me por você.

Natal! O toque do sino,
Traz a esperança de novo,
Eu quero Jesus Menino,
No coração do meu povo.

Há goteiras nos telhados,
Temporal, vento, trovão,
Tenho nos olhos molhados,
Goteiras do coração.

Quando a chuva está cantando
No telhado o seu baião,
Asa Branca vem voando,
Vai ter festa no sertão.

Festa da simplicidade,
Do amor exaltando as leis,
Grande exemplo à humanidade
É o Natal do Rei dos Reis.

Quando passo pela rua
Onde nasceu nosso amor,
Vejo a saudade na lua
Sinto no peito uma dor...

Caminhos da madrugada,
Solidão que não tem fim,
Uma viola afinada,
Toca e soluça por mim...

O rio sempre correndo
Para o destino do mar,
Leva mágoas, vai sofrendo,
Vai chorando sem parar.

A mulher dos meus amores
Está na trova sentida,
Na canção de Noel Rosa,
Em tudo na minha vida...

A minha mágoa é canção
E o silêncio de uma estrada,
É o orvalho de uma flor
E a pureza da alvorada...

Porque nasci sonhador,
Nos meus dias mais tristonhos,
Invoco com todo o amor,
Nossa Senhora dos Sonhos.

Com teu beijo apaixonado
Eu cheguei a delirar,
Fui ao mundo das estrelas
Na magia do luar...

Eu conheci a saudade
Pensando nos olhos teus,
No retrato da parede,
Sempre a me dizer adeus.

Tu tens, embora que escondas,
Em tua alma a borbulhar,
Essa neurose das ondas,
Esses gemidos do mar.

Minha mãe, quanta doçura
Existe nos olhos teus!
Do teu olhar com ternura
Eu recebo a Luz de Deus.

A velha paixão desperta
E o coração incendeia,
Na magia da seresta,
Ao clarão da lua cheia.

Cada qual dá o que tem,
Aprendi na voz do povo,
O trovador sempre vem,
Trazendo trovas de novo.

Os teus olhos pequeninos,
Nesse teu rosto divino,
São as estrelas que brilham
Na noite do meu destino.

Eu tenho pena, confesso,
Deste mar que chora tanto,
Até nas noites de lua
Posso escutar o seu pranto...

É milagre em gotas d'água,
Chuva molhando o meu rosto,
Purifica a minha mágoa,
Alivia o meu desgosto.

Perto de ti sou mais puro,
Sou livre de todo mal,
Ouço a ciranda dos anjos,
No mais elevado astral...

Estas cantigas tristonhas
De uma dor que não tem fim,
São recados que a saudade
Manda sempre para mim.

Há pastores nesta vida
De todas as qualidades,
Os trovadores, querida,
São pastores de saudades...

O vento passou cantando,
Passou fazendo poesia,
Na porta bateu chamando
Pelo nome de Maria.

Vem do céu, vem das estrelas,
A divina inspiração
Dos versos do cantador
Nos alpendres do sertão.

O teu retrato, querida,
Eu guardo sempre a sonhar,
Com ternura e com carinho,
Num romance de Alencar.

Lembrando os dias risonhos
Da nossa felicidade,
Fiz uma vida de sonhos
Pra não morrer de saudade...

Escuto a todo momento
A voz do meu grande amor,
Escondida numa estrela,
Encantada numa flor...

Chegou o carnaval, enfim,
No morro, berço de bamba,
Gato virou tamborim
E a tristeza virou samba...

A noite traz emoções
No meu bairro enluarado,
Recordo velhas canções
E os madrigais do passado...

Se vejo os teus olhos verdes,
Sou muito mais trovador,
Sou caçador de esmeraldas
No tesouro deste amor...

Perdoa os pecados meus,
Perdoa de coração,
E eu me sentirei um deus,
Recebendo o teu perdão.

Nas ruas da minha vida
Sem querer, meu coração,
Foi conhecer a saudade
Na rua da solidão.

Nasceu com sorte marcada
O cantador do sertão,
Já trouxe o som da viola,
Guardado em seu coração...

Sou bem feliz quando canto,
Nasci pra ser cantador,
A viola é o meu encanto,
A viola é o meu amor...

O mar bem conhece a vida
Do faroleiro tristonho,
Que adora a mulher querida
No doce encanto de um sonho...

Escondi minha saudade
Na ternura de uma flor,
Encontrei felicidade
Em doce trovas de amor.

No meu maior sofrimento
É o destino que comprova:
— Meu melhor medicamento
É sonhar e fazer trova.

Nosso Rei Luiz Gonzaga
Majestade no baião,
Cantou tristezas e mágoas
E as belezas do sertão.

Eu sei que Deus fez a lua
Pensando nos sonhadores,
Nos seresteiros da rua,
Na mágõa dos trovadores.

Eu tenho na alma guardados,
Num doce e eterno sonhar,
Os teus beijos perfumados
E a luz deste teu olhar...

Não guardo mágoas de ti,
Já é hora de voltar,
Meu perdão tem a ternura
E a pureza de um luar...

Quando morreu, Zé dos Anjos,
O cantor das madrugadas,
Virou fantasma das noites,
No silêncio das estradas...

No corcel ágil da noite
Busco sempre a fantasia,
Em fantásticas viagens
Nos caminhos da poesia...

O amor não pede licença
Quando chega ao coração,
Vai entrando de repente,
Nos encantos da paixão...

Quando penso nos teus olhos
A minha alma se renova,
Desperta o amor do passado
No milagre de uma trova.

A Mãe Preta Catarina
Com 90 anos de idade,
Contava histórias de amor,
Segredos da mocidade....

Quisera ser nesta vida
Um famoso cantador,
Para contar no repente
Minhas histórias de amor.

Jesus num gesto de Amor,
Em atitude serena,
Do perdão lançando a flor,
Purificou Madalena.

Em noites de serenata
Peço licença ao Senhor
E escuto a canção dos ventos
Pensando no meu amor.

A mulher na minha vida,
Já foi rosa, foi espinho,
Foi o adeus da despedida
Que me deixou sem carinho.

Nos altares da poesia,
São Francisco é com grandeza,
Protetor da ecologia,
Trovador da natureza.

Numa bela madrugada
Por certo, Nosso Senhor,
Fez a trova iluminada,
Para os que sofrem de amor...

Os Poetas de Cordel
Nos folhetos inspirados,
Contam casos comoventes
De amores predestinados.

Existe muita pureza
Na mágoa do trovador,
Nas coisas da natureza,
No riso que esconde a dor...

Adoro este teu sorriso
E em teu sorriso eu queria,
Encontrar meu paraíso,
Toda noite, todo dia...

Guardarei por toda a vida
Sempre na Graça de Deus,
Certa estrela que fugiu
Do brilho dos olhos teus.

O sonho dos trovadores
Eu posso ver nos altares,
Está no encanto das flores
E na grandeza dos mares.

A lua está governando
Lá no trono da amplidão
E o luar purificando
Desta noite a solidão...

No roteiro dos meus sonhos,
Querida, eu não sei por que,
São felizes, são risonhos,
Meus encontros com você...

A lua, sempre serena
E uma estrela cintilante,
Me trazem grata lembrança
De Rodolfo Cavalcante.

A saudade me maltrata,
Me maltrata, sim senhor,
Mas eu devo a esta ingrata,
O dom de ser trovador.

Eu vi meu sertão em festa
Com chuva e muita alegria,
Vi relâmpagos de amor
No olhar de Rosa Maria.

Fortaleza da saudade,
Com cadeiras na calçada,
Sonhos lindos, mocidade,
Serestas na madrugada.

Disse alguém esta verdade
Que vivo nos dias meus,
A prece tem claridade,
Quem reza fala com Deus.

É na Poesia do Povo
Que gosto de ver o brilho
Do recado sempre novo
De Manoel D'Almeida Filho.

Volta querida, eu proponho,
Vem pelo mesmo caminho,
Feito de estrelas e sonho,
Rosas, ternura e carinho...

Nesta linda Fortaleza,
Nossa querida cidade,
O passado em cada esquina
Acende a luz da saudade...

Ao final das serenatas
Com muitas canções de amor,
Beijo sempre o teu retrato,
Alívio da minha dor...

Eu vou ganhar uma estrela
E nela vou navegar,
Pelos mistérios da noite,
No espaço, sempre a sonhar...

Uma rosa perfumada
Que nasceu no meu jardim,
Me fez lembrar uma trova
Do irmão Adaucto Gondim.

No vento veloz da noite
Tenho pressa de chegar...
Na distância da saudade
Vejo alguém a me esperar.

O rio Mal Cozinhado
Vendo que a chuva tardava,
Era triste, desolado,
E a correnteza chorava...

Meu passado tem recados
De amores pouco risonhos
E fala sempre de beijos
Que não passaram de sonhos...

Em noite triste, sem lua,
Descobri no teu olhar,
Todo o mistério e a magia
De uma noite de luar...

A saudade do passado
Envolvendo corações,
Vem na voz de Orlando Silva,
O Cantor das Multidões.

Sinto a presença de Deus
Em momentos de oração,
No silêncio das capelas
Dos caminhos do sertão.

Ao deixar a minha aldeia
Trouxe saudades de lá:
Do encanto da lua cheia,
Do canto do sabiá...

Há pureza nas estradas,
Nas veredas do sertão,
Histórias de almas penadas
E as preces do Pai João...

Na estrela da madrugada
Posso ver o eterno brilho
De uma trova consagrada
Do saudoso Vasques Filho...

Aliviam meus tormentos,
Minha dor, meu padecer,
Os pardais em sinfonia
Quando chega o entardecer...